



INTERDISCIPLINARIDADE E FRONTEIRAS: DA REPRESENTAÇÃO ÀS METÁFORAS

DITTRICH, Ivo José

Professor do PPG em Sociedade, Cultura e Fronteiras
dtrch@unioeste.br

RESUMO

O estudo tem como objetivo principal compreender diferentes aspectos que contribuem para a complexidade das fronteiras, tomando por base as metáforas em que são representadas por diferentes atores sociais. O ponto de partida é o de que, por isso, as fronteiras constituem-se em objeto que exige abordagem interdisciplinar, considerando que o estudo das metáforas inscreve-se nas ciências da linguagem, mas sua compreensão implica uma necessária interface com as ciências humanas e sociais, especialmente através do conceito de representação.

Palavras-chave: Metaforização. Representação. Fronteiras.

ABSTRACT

This paper aims to understand different aspects that contribute for the complexity of the frontiers, looking at the metaphors by which different social actors represent them. The starting point is that from this understanding, the frontiers constitute a subject that requires an interdisciplinary approach, considering that the study of metaphors is inserted in the sciences of the language, but their comprehension implies a necessary interface with the human and social sciences, especially through the concept of representation.

Key-words: Metaphorization. Representation. Frontiers.

INTRODUÇÃO

Considerando os diversos aspectos que manifestam em sua configuração, não parece difícil compreender que as fronteiras se apresentam como realidades bastante complexas: ao lado de coordenadas de espaço e tempo apresentam, entre inúmeras outras dimensões, facetas antropológicas, históricas, econômicas, políticas e jurídicas. Passa a ser importante, portanto, refletir a respeito das origens e possíveis causas desta multiplicidade de aspectos, até mesmo para aproximar-se da conclusão de que uma possível “fronteiridade” como essência desta realidade, além de filosoficamente controversa, inscreve-se no olhar de quem a descreve ou vivencia: Saussure [1916], em seu *Curso de Linguística Geral* já anunciava que o ponto de vista é quem cria o objeto. Assim, para inverter um pouco esta relação, é interessante deixar o objeto



(fronteiras) “falar” e, para isso, objetivamos tecer algumas considerações sobre as razões que a transformam nesse cenário complexo, seja pela sua configuração multifacetada, seja pelos modos como é representada, seja por sua expressão, geralmente metaforizada. Essa discussão dos múltiplos aspectos que a caracterizam procura questionar a possibilidade de encontrar um aspecto que se configure essencial na sua configuração, ao mesmo tempo em que busca entender quais seriam possíveis determinantes dessa complexidade. Ao levantar esses diferentes aspectos, possibilita-se o apontamento de diversas frentes de investigação que, no seu conjunto, podem contribuir para um entendimento mais consistente. Partimos do pressuposto de que as metáforas, por se constituírem expressão das representações incorporadas a partir de apresentações mediatas e mediadas, mostram-se metodologicamente relevantes como pontos de partida para compreender a complexidade das fronteiras.

Metodologicamente, fizemos em primeiro lugar o levantamento de possíveis determinantes ontológicas, ou seja, de características comuns que se situam na materialidade das diferentes fronteiras e de como são apresentadas discursivamente. No segundo momento, examinamos diferentes concepções ou representações que os sujeitos sociais constroem sobre elas com base nas suas expectativas, experiências ou interações sociais. Observe-se que esta segunda tarefa – representação – é construída, ou constituída sobre as bases da primeira – apresentação -, ou seja, sobre o conjunto dos aspectos que a fronteira apresentaria em sua existência própria ou em como é editada pelos interlocutores na interação social. Somadas, essas duas instâncias ou dimensões do processo de construção do conhecimento fornecem as bases para a comunicação social e sua expressão se manifesta, muitas vezes, através de metáforas. É preciso compreender, no entanto, que essas três dimensões apenas se separam por razões de ordem didática, visto que se sobrepõem, integram e, mesmo, retroalimentam: as próprias metáforas alimentam as apresentações e fomentam novas representações.

Convém observar que um estudo dessa natureza parece exigir uma abordagem, se não interdisciplinar ¹, pelo menos multidisciplinar, de modo a não esfacelar teórica e metodologicamente um objeto que, por sua natureza, apresenta-se dinâmico e complexo. Martins (2009, p.11), por exemplo, aponta que o sentido da fronteira não se resume ao aspecto geográfico porque representa muitas e diferentes coisas: “fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo,

¹ Não entraremos, aqui, na especificidade do conceito, por sinal, bastante controverso. Entendemo-la como produção ou resignificação de conceitos e metodologias na interface entre diferentes disciplinas ou áreas do conhecimento. A obra de Philippi Jr e Silva Neto (2011) é bastante completa nesse sentido.



fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, *fronteira do humano.*” Assim, a forma mais pertinente para captar esta complexidade parece residir na sua própria configuração multifacetada, ou seja, é próprio da fronteira desafiar o investigador por seus diversos aspectos que ora se relevam, revelam ou escondem e, por isso, sua abordagem teórica parece exigir que seja realizada com base em diferentes áreas do conhecimento, pelo menos daquelas que se dedicam a questões que envolvem o homem, a sociedade e a linguagem, as quais poderiam ser, pelo menos epistemologicamente, inscritos no grande campo das Humanidades.

Assim, as reflexões aqui apresentadas sobre as fronteiras ² se pretendem interdisciplinares no limite em que uma formação na área das ciências da linguagem e a experiência como coordenador de um Curso de Mestrado Interdisciplinar na área de sociais e humanidades permitem. Significa que devem ser interpretadas dentro desse contexto de produção. Além disso, ou por isso mesmo, nosso estudo não permite inscrever-se com facilidade nas configurações convencionais das publicações: inscreve-se nas fronteiras e interfaces entre artigo científico, ensaio, relato de experiência e similares. Se, por um lado, isso pode incomodar um padrão mais convencional de publicações, por outro, pode revelar que essa “quebra” de padrões, se nada acrescenta à divulgação do conhecimento, pelo menos faz pensar que há diferentes modos de produzi-lo. Ainda que isso possa significar perda de credibilidade e que o único (de)mérito do texto seja uma abordagem pretensiosamente interdisciplinar, pelo menos indicamos alguns pontos de partida, quem sabe de chegada, para aqueles que pretendem “aventurar-se” em desafiar as fronteiras das disciplinas para disciplinar as fronteiras.

NAS FRONTEIRAS DO SENTIDO, O SENTIDO DAS FRONTEIRAS

Pelo que dissemos até aqui, torna-se relevante pensar, ainda que preliminar e ousadamente, sobre as origens e as possíveis determinantes da complexidade das fronteiras, observando como a linguagem, nas suas limitações e potencialidades, procura expressá-la, muitas vezes recorrendo a expressões metafóricas. E isso interfere imediatamente nas diferentes facetas que aparecem relevadas (ou sufocadas) em diferentes discursos e por

² Por razões de delimitação e, principalmente, do lugar de onde partimos, a maioria das reflexões restringe-se à região conhecida como Tríplice Fronteira (Brasil, Paraguai e Argentina), talvez a mais conhecida ou reportada entre outras doze configurações fronteiriças semelhantes, como, por exemplo, a que existe no extremo norte do país entre Brasil (Roraima), Venezuela e Guiana.



diferentes enunciadores. É importante compreender que o sujeito do discurso – aquele que se pronuncia, oralmente ou por escrito -, ainda que se queira mostrar objetivo e imparcial, acaba inscrevendo nas palavras o lugar social de onde fala, a sua história de vida, a sua visão de mundo, o seu modo de compreender a realidade em que se insere. Ou seja, inscreve seu discurso nas representações sociais:

formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos — imagens, conceitos, categorias, teorias —, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. (SPINK, 1993, p. 300).

Importante observar que a autora situa o conceito na Psicologia Social, mas compreende sua natureza transdisciplinar originada da Psicologia Cognitiva, da Antropologia, da Sociologia e de áreas afins. Não vamos entrar aqui no mérito de um conceito específico; basta compreendê-lo multi, trans ou interdisciplinarmente como conhecimento prático, particular ou individualizado, que se origina ou é construído com base nas interações sociais (o ser humano vive em sociedade), objetivando proporcionar meios para sustentar comportamentos e a comunicação entre sujeitos socialmente situados³.

Nesse universo da relação entre o sujeito social, a linguagem e o mundo, a apresentação e a representação das fronteiras (assim como de qualquer outra realidade) sempre passam pelo crivo de quem se pronuncia a respeito, do lugar social de onde fala, dos interesses que pretende proteger ou divulgar: ainda que se trate da mesma forma linguística (fronteiras), da mesma palavra, do mesmo conjunto e sequência de letras ou fonemas, cada uso torna-se particular e particularizado em função do que até então se disse, das circunstâncias em que a palavra foi proferida, além das intenções (mais ou menos conscientes) de quem as enunciou. Como consequência imediata desse conjunto de variáveis é construída a representação – individual e coletiva – da fronteira consoante os olhares, intenções e experiências do homem e da sociedade que nela convivem ou dela se apropriam. Isso leva a compreender que a apreensão subjetiva de uma realidade (supostamente) objetiva – porque socialmente compartilhada e assumida – passa a ser efeito das práticas socioculturais dos indivíduos que a procuram apresentar e representar. Dessa forma, a fronteira revela sua complexidade justamente ao manifestar, esconder, ou

³ Para uma abordagem da genealogia e dos fundamentos do conceito de representação social, pode-se consultar, por exemplo, os Artigos de ALEXANDRE, Marcos (2004) e RÊSES, Erlando da Silva (2003).



sobrepôr estes diversos aspectos e dimensões que, pelo menos intuitivamente, ali se fazem presentes e, de alguma forma, refletem-se na linguagem ou nos conceitos que a pretendem expressar discursivamente.

Sabemos que a linguagem é, por princípio, polissêmica, indeterminada, objetiva e subjetiva ao mesmo tempo e, desse modo, dificilmente consegue representar integral e satisfatoriamente o que o enunciador quis dizer: significa que as palavras não denotam, como na lógica, definida e precisamente, uma entidade sem qualquer risco de ambiguidade ou retaliação. Nem por isso a comunicação se torna impossível e nem por isso qualquer discurso se mostra sempre vago ou impreciso. O que pretendemos realçar é que as palavras no discurso, ao pontuarem determinado aspecto de certa realidade, fatalmente deixam outros na penumbra. Considerando a representação em sua natureza mental e psicológica como conceito ainda prévio, embasado no senso comum, a linguagem que pretende expressá-la conseguirá refleti-la de modo um tanto quanto impreciso e, por isso, o sujeito recorre muitas vezes à metaforização, concebida como processo de pensamento e ação, cujo princípio reside em relacionar estruturas diversas de modo a expressar um objeto desconhecido em função de uma realidade já conhecida.

Nessa ordem de raciocínio, a metáfora relativa às fronteiras também reflete um modo de concebê-la e a sua manifestação no discurso pode revelar em que bases foi estruturada pelo enunciador, compreendido como sujeito do discurso que fala a partir de um lugar social construído na interação entre sua história e as experiências discursivas em que interage. Assim, a metaforização da fronteira deve ser compreendida em sua natureza conceptual, observando que o seu aspecto figurativo ou artístico não seja seu componente essencial, ainda que reflexo de um modo de pensar.

Pode-se dizer que Aristóteles já apontara para a teoria que, atualmente, vincula a metáfora ao processo cognitivo, compreendendo-a como modo de pensar uma realidade e, mesmo, de agir sobre ela. Lakoff e Johnson (2006, p.71) dizem que “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos é, fundamentalmente, de natureza metafórica”⁴. Antes, portanto, de se tratar de um procedimento de criação linguística ou de embelezamento do discurso, a metaforização está vinculada à relação entre realidades, físicas ou ficcionais, que, de alguma forma, apresentem, ou poderiam apresentar, algumas características similares aos olhos do observador. Implica, portanto, pensar alguma coisa em



termos de outra, geralmente associando a mais nova ou recente com aquela já dominada semântica e discursivamente. E como este modo de pensar somente se dá via linguagem, parece natural que a metáfora, agora na sua condição de expressão, seja efeito desse processo.

A reflexão de Ricoeur (2005, p.149) encaminha-se na mesma ordem de raciocínio: “a metáfora não é senão uma das táticas que resultam de uma estratégia geral: sugerir alguma outra coisa do que aquilo que é afirmado”, o que reforça a ideia de que a metáfora não é substituição, nem mera transferência de sentido: a metáfora, ao relacionar duas entidades, sempre destaca um ou outro aspecto, implicando que, necessariamente, outro ou outros permaneçam mais ou menos ocultos. Uma alternativa interessante é, então, perscrutar as diferentes dimensões envolvidas em fronteira com base nas metáforas, considerando que nem sempre conseguem representá-la adequada ou fielmente. Assim, as metáforas se apresentam como base analítica bastante reveladora⁵ para compreender as complexidades da fronteira. Até mesmo a Academia recorre a elas: “Aparentemente ingênua e natural, a fronteira é resultante de uma relação de força. E, nesse sentido, ela é uma *cicatriz* deixada na história mundial e na memória dos povos por ela divididos.” (Carvalho, 2006, p.60).

CONTEXTOS E ORIGENS DAS METÁFORAS SOBRE A FRONTEIRA

Uma primeira base de compreensão da fronteira reside na sua dimensão espacial que se define como “espaço entre”, em função de um lado de cá e outro de lá. Dada a essa configuração de “entre”, permite metaforizar-se na interface de outras dimensões: o agora e o depois, o presente e o futuro, a civilização e a barbárie, por exemplo. A fronteira implica uma *zona indefinida* que decresce ou se amplia de acordo com a dimensão que o “entre” pretende ou poderia encobrir. Ao mesmo tempo, ou por isso, a fronteira também compreende uma característica de oposição, consoante o ponto de vista de quem se manifesta: oposição entre o bem e o mal, o lícito e o contrabando, o pioneiro e a vítima. Diferentemente do “entre” que assume uma caracterização de *continuum*, de espaço de transição, quando se trata de oposição acentua-se o caráter de linha divisória definida e definitiva: exatamente no ponto em que

⁵ As metáforas aqui apresentadas não provêm de uma pesquisa específica, estruturada, formalizada; resultam de nossa experiência como professor e morador de Foz do Iguaçu, na região da Tríplice Fronteira – Brasil, Argentina e Paraguai. Foram captadas ao longo do tempo através de conversas, leituras e outras formas de interação. Nos dias em que estivemos escrevendo este texto, por exemplo, ouvimos um deputado federal entrevistado na rádio local dizer que a cidade é *quase uma ilha federal*, por considerar que do lado oeste delimita-se com as estruturas federais na divisa com o Paraguai, do lado norte com a BR277, rodovia federal, ao sul com a estrutura aduaneira (federal) na divisa com a Argentina e a leste com o Parque Nacional (federal), sem contar a delimitação com a Itaipu, entidade federal binacional.



termina X é onde Y começa. Neste caso, a fronteira manifesta o seu traço de *linha divisória*, ainda que imaginária e artificial. Predomina um traço de estaticidade, de congelamento, de começo e fim. É o que se mostra, por exemplo, na pintura das pontes entre Brasil e Paraguai e Brasil-Argentina: até na metade as pontes apresentam as cores da bandeira brasileira e a partir de uma linha de corte, as cores das respectivas bandeiras daqueles países. Trata-se de uma convenção jurídica que define a linha que delimita a soberania de cada um dos países. Neste caso, literalmente, é possível ter *a fronteira sob os pés*.

Ao mesmo tempo, entretanto, a fronteira também compreende uma dimensão de “através” e, portanto, do *atravessar*: transparece a ordem do movimento, do dinâmico, do deslocamento. Agora é a passagem que passa a ser representada e a metáforização vai manifestar-se em expressões que enfatizam diferentes facetas da realidade e da realização humana: o *sair de* para *entrar em* manifesta-se em diversos campos para além dos geográficos. Por exemplo: *atravessar a fronteira* que separa as camadas sociais ou as classes econômicas, ainda que se procure defini-las com base em indicadores os mais precisos possíveis, não acontece de maneira instantânea e sequer abrupta: demanda, entre outras etapas, passagem por níveis de escolaridade, poder aquisitivo, representatividade comunitária ou poder político.

Em perspectiva um pouco diferente, mas ainda relacionada ao através, metáforiza-se a fronteira como *travessia para o Paraguai*, bastante comum na descrição dos latrocínios e especialmente no roubo de carros brasileiros que são levados, ou pela ponte da Amizade, ou pelo Lago de Itaipu para serem vendidos em solo paraguaio, muitas vezes pela metade do preço do seu valor de mercado. É, mais uma vez, a oportunidade e a viabilidade do “através de” que desencadeia esse tipo de atividade. É quando também aparece metáforizada como *corredor do crime* por onde entram e saem os mais diferentes produtos ilícitos.

Ampliando as reflexões sobre a fronteira, observamos que ela também implica paradoxos. Ao mesmo tempo em que saúda o estrangeiro ou o visitante, informa sobre a existência da Aduana e o conseqüente controle do tráfego, das pessoas e das mercadorias. Interessante observar que os movimentos de greve dos funcionários de órgãos públicos nessas instituições fronteiriças acontecem por meio da estratégia de “trabalhar dentro da lei”, fiscalizando com rigor todos os carros que atravessam, todas as mercadorias que são levadas ou trazidas, toda a documentação das pessoas que se movimentam em ambos os sentidos. Significa, paradoxalmente, que se trata de um cenário em que o cumprimento da lei se torna logisticamente impossível. Na ordem inversa, outro paradoxo: é provavelmente uma das



poucas situações em que, pelo menos para mototaxistas, sacoleiros e compristas o melhor funcionário público é aquele que menos desempenha suas funções; em outras palavras, o melhor funcionário é aquele que não trabalha, pois assim não atrapalha. O cumprimento da lei dificulta seu modo de vida e a fronteira assume assim o seu aspecto de *terra sem lei*.

Não se pode deixar de considerar que a própria palavra fronteira já encerra uma metáfora: originada do latim *front* - para designar *fronte* e, por contiguidade, *frente*, a palavra, dados os diversos traços de sentido de que se compõem, também assume conotações de confronto, enfrentamento. Compreende, além disso, sentidos vinculados a limiar – limite extremo – o que favorece o estabelecimento de pontos extremos, de começo e fim, de fatalidade, inclusive: até aqui e nem um passo além. O mundo é dinamizado inclusive com base nestas fronteiras: as inscrições encerram-se à meia-noite; última data para submissão de artigos, prazo fatal para transferência de títulos, etc. Apesar da dimensão temporal agora em apreço, não se pode negar que se trata de uma fronteira no sentido de limite imposto: pode-se dizer que agora a fronteira assume uma conotação de *última barreira*, que deixa atravessar apenas a quem respeitou as condições impostas e barra aquele que, de alguma forma, deixou de cumpri-las.

Os usuários da linguagem, muitas vezes por necessidades ou restrições que a comunicação lhes impõe, também recorrem às metáforas como construções linguísticas mais amplas, combinando a palavra fronteira com verbos e adjetivos metaforizados, explorando a riqueza dos seus traços de sentido. O conceito, por isso, mostra-se com extrema versatilidade semântica, articulando-se com verbos dos mais diferentes sentidos: *violar fronteiras*, *estrangular fronteiras*, *sensibilizar fronteiras*. Ao mesmo tempo, permite fazer-se acompanhar pelos mais diversos adjetivos de modo a assumir seu sentido de acordo com o que estes sugerem: *fronteiras secas*, *imaginárias*, *acadêmicas*, *religiosas*, *antropológicas*, entre outras. Finalmente, pode combinar-se com as duas categorias gramaticais, simultaneamente: *apagar as fronteiras ideológicas*, por exemplo. Trata-se de expressões que, de alguma forma, vinculam-se a relações de poder que se manifestam em cenários onde se confrontam entidades institucionalizadas ou em fase de instalação ou institucionalização.

De acordo com o presidente Lula (em pronunciamento durante a inauguração da UNILA⁶), a fronteira é *um grande salão de visitas*. Ainda que pudesse ser interpretada como reveladora de certa ingenuidade, trata-se de uma metáfora politicamente correta para a ocasião

⁶ Universidade Federal da Integração Latino Americana, situada em Foz do Iguaçu. A metade dos seus acadêmicos é brasileira e a outra, de outros países latino americanos.



em que foi proferida: não se faz a diferença entre o que a fronteira é e o que ela deveria ser, ou o que o então Presidente gostaria que ela fosse. *Salão de visitas* aponta para conversa leve, descontraída, num ambiente de recepção de amigos sempre bem-vindos. Com raras exceções, não parece que as fronteiras (pelo menos as internacionais) e menos ainda a fronteira entre Brasil e Paraguai seja similar a este desejo. Apenas em ocasiões previamente construídas, constitui-se como palco para representações diplomáticas em que é projetado, principalmente para a imprensa, um cenário descontraído em que os chefes de estado se reúnem para debater (ou conversar) sobre integração nas fronteiras ou consolidação do Mercosul. Não significa que o *salão de visitas* seja sempre ficção; significa, apenas, que ao olhar atento do observador não passam despercebidas as semelhanças e diferenças, ainda que teóricas, entre o que se apresenta, representa e metaforiza.

Os economistas, por sua vez, consideram a fronteira como *ambiente sensível aos humores da globalização* (ou das políticas econômicas), porque a compreendem como lugar em que se apresentam e exteriorizam as diversas faces do ser humano, principalmente daqueles que estão vinculados ao universo da comercialização. É o que se pôde observar em Foz do Iguaçu por ocasião da implantação do plano real: a supervalorização da moeda brasileira perante o dólar fez encarecer demasiadamente os produtos nacionais de modo a que argentinos e paraguaios imediatamente deixassem de abastecer seus mercados com produtos que sempre adquiriam na *região da Ponte*, ou *zona de Exportação*. Pode-se dizer, assim, que o comércio das fronteiras submete-se as políticas e decretos econômicos adotados pelos países limítrofes e, portanto, é sensível aos humores e rumores das políticas econômicas adotadas.

Para o pequeno agricultor, expulso pelo grande capital agrícola de sua pequena propriedade, a fronteira apresenta-se (ou muitas vezes lhe é apresentada) como *último recurso* para a sobrevivência: é a oportunidade para realizar pequenos serviços, principalmente transporte de mercadorias contrabandeadas. Inexperiente, entretanto, descobre que se trata de um ambiente perigoso e competitivo, onde não há muito lugar para a sinceridade e a honestidade: só os mais *experts* sobrevivem. Desde muito cedo, e isso inclusive as crianças descobrem ⁷, exige-se versatilidade (e certa malandragem) no inter(câmbio) que necessariamente acontece na região. No caso da tríplice fronteira, Brasil-Paraguai-Argentina, a

⁷ Crianças que comercializam pequenos produtos na região da Ponte da Amizade efetuam transações nas quatro moedas com grande desenvoltura e, com isso, muitas vezes, descobrem as possibilidades de ganho através do câmbio: como a escola nem sempre oferece essa matemática financeira e, ao mesmo tempo lhes dificulta o exercício dessa atividade, muitas crianças preferem ficar longe dos bancos escolares.



circulação de moedas como o guarani, o peso e o real, todas elas atreladas de alguma forma ao dólar – que também circula em espécie, e em grande quantidade – a mais insignificante transação comercial exige domínio da conversão cambial e, ao mesmo tempo, permite explorar, com grandes possibilidades de ganho, a ingenuidade ou o desconhecimento do comprador menos informado. Constrói-se, assim, a metáfora da fronteira como *cenário do dinheiro fácil* para alguns, e diante de uma experiência nada animadora, *o pior lugar do mundo* para outros.

Principalmente para grandes comerciantes, geralmente chineses, libaneses, turcos ou brasileiros, a taxa fixa de importação paraguaia, aliada à expansão mundial de produtos asiáticos (principalmente informática e eletrônicos), a fronteira Brasil-Paraguai representa oportunidade para a realização de ótimos negócios, ainda mais para os que sabem “driblar” o fisco e a fiscalização. Para o vendedor ambulante, por sua vez, tanto do lado brasileiro, mas principalmente do lado paraguaio, o grande fluxo de pessoas permite sobreviver do comércio nas ruas e calçadas de Ciudad del Este. O abastecimento dos camelódromos nas diversas cidades brasileiras também é fomentado por pequenos compristas que sobrevivem com base na diferença entre o preço do que compram no lado paraguaio e do que revendem no lado brasileiro. Nota-se, em todas estas representações, a visão de fronteira como *paraíso comercial* que favorece (e permite) a sobrevivência informal – sem registro nos órgãos comerciais e sem apoio na legislação. A consequência, especialmente para o Brasil, é um enorme contingente de trabalhadores informais que não encontram apoio legal na assistência trabalhista e previdenciária⁸.

Essa fronteira como área de comércio também aparece metaforizada nos outdoors ao lado das rodovias, nos saguões de hotéis, nas rodoviárias e aeroportos, como *paraíso das compras*, especialmente de produtos de informática, eletrônicos, bebidas, perfumes e de diversos produtos importados que, na mesma ou em maior proporção, apenas seriam encontrados em Miami. A fronteira assume, assim, o seu lado publicitário, ou melhor, a representação que a publicidade lhe constrói ou atribui. Nesta mesma ordem da lógica comercial, atua o setor turístico que inclui em seus pacotes o turismo de compras: com isso, muitas vezes, a ida ao Paraguai e à Argentina (esta em menor proporção) sobrepõe-se à visita às Cataratas do Iguazu - marco natural e à Usina de Itaipu – marco da engenharia. São as representações de quem vê a fronteira de dentro – de quem nela reside e vive – vendendo uma

⁸ Esse cenário vem mudando um pouco ultimamente, principalmente com a aprovação da chamada “lei dos sacoleiros” que pretende regularizar a micro importação.



representação de oportunidade de lazer, negócios e, por que não, de satisfação pessoal com a aquisição daquele produto com que tanto sonhou. A fronteira como ambiente natural, bonito, encantador, em que os rios Iguaçu e Paraná se encontram, cada país tendo como referencia o seu “marco das três fronteiras” também acaba marginalizada. A realidade brasileira, pelo menos, revela que o ambiente da foz do rio Iguaçu tornou-se *patrimônio de ninguém*, ou melhor, de ambiente perigoso porque abandonado pelo poder público, que já não se aconselha ninguém a visitar. É o paradoxo da fronteira esquecida: configura-se como *área proibida*.

Saindo da mídia publicitária para a jornalística, novas e diferentes representações são construídas de acordo com o enfoque privilegiado nas matérias ou das questões que se elegem dignas de reportagem ou de notícia: local e regionalmente, a ênfase recai nas informações sobre apreensão de cigarros, drogas e armas, o que assume veiculação nacional quando se trata de números exorbitantes ou de situações mais ou menos inusitadas. Cria-se, agora, uma representação da fronteira como *região de contrabando*. Vinculado a esse universo de entrada de produtos ilegais, fomentando, ou sendo fomentadas pela criminalidade no país, tanto a mídia impressa quanto a audiovisual, diariamente, retratam *queimas de arquivos*, enfrentamentos entre usuários, traficantes e destes com as forças policiais, noticiando e retratando um *universo de medo e de violência*⁹. Assim, por que a fronteira se apresenta como facilitação para a prática do crime, é metaforizada como *rota, esconderijo ou mundo do crime*. A maior ou menor repercussão dessa ordem de produção midiática vai gerar essa representação entre aqueles que cultivam valores vinculados à honestidade e à legalidade, mas pode funcionar, paradoxalmente, como fonte de propaganda para quem sobrevive às margens da lei. Uma visita às prisões federal e estadual em Foz do Iguaçu pode dar a dimensão geográfica da origem dos presos que ali se encontram.

Articulado com esse ambiente comercial, a prostituição, inclusive a infantil, acaba se desenvolvendo porque as condições se apresentam favoráveis e, muitas vezes, pode ter origem onde o observador menos atento jamais esperaria. Admite-se que as regiões aduaneiras constituem-se em ambientes propícios para essa prática. Mas não se compreende, muitas vezes, que a falta de infraestrutura e de logística atrasam o comércio internacional e assim propiciam – ou obrigam - uma estadia mais prolongada de caminhoneiros aguardando a liberação de produtos e, dessa forma, cria-se um cenário favorável para essa prática, metaforizando-se a

⁹ Por vezes, a região da tríplice fronteira também é metaforizada como *fronteira do terror* porque ali habitam muçulmanos que subsidiariam grupos terroristas no Oriente Médio.



fronteira como *antro de prostituição*. Acrescentem-se as greves, operações-padrão, protestos e se construirá um ambiente ainda mais comprometedor. Estreitamente vinculado a esse quadro, a exploração do trabalho infantil se dá, em linhas gerais, por conta do acesso e do sucesso das crianças em desenvolver *pequenas tarefas* nos entornos da Ponte da Amizade, o que, ao mesmo tempo, já as encaminha como frequentadoras da fronteira como *escola para o crime*.

Muitas metáforas ainda poderiam ser enumeradas, expressando o ponto de vista, a expectativa, ou a experiência de quem vive ou vem para (ou da) fronteira: a fronteira é *uma bagunça*, *é uma festa*, *é um sufoco*, *é um perigo*. Cada uma enseja interpretações que revelam determinados aspectos e ocultam outros, o que é próprio da metáfora. Quem diz que se trata de uma *bagunça* enaltece os traços de confusão, descontrole, desordem, e os que a representam como *festa* sobrelevam aspectos de muita gente reunida, conversando, comprando e vendendo, bebendo, num caleidoscópio de vozes, cores e formas. Quem diz que se trata de um *sufoco* revela provável experiência de dificuldade, de esforço desgastante que implica movimentar-se entre carros, pessoas, polícia, vendedores ambulantes, conservando seu possível senso de humor e racionalidade. Do contrário, se a fronteira é um *perigo*, valorizam-se aspectos de roubos, assaltos, trapaçes que são constantes e parece fazerem parte necessária do dia-a-dia nesse ambiente.

Considerando toda essa versatilidade e pluralidade de sentidos, parece que a própria palavra fronteira esvazia-se de um sentido próprio, passando a depender do co-texto e do contexto para assumir suas significações, ou seja, por si mesma, ou em si mesma, a palavra já não representaria nada: a riqueza dos seus traços de sentido contribuiria, paradoxalmente, para sua saturação e conseqüente esvaziamento de sentido de modo que, ao significar muito (ou quase tudo) resultaria em significar quase nada. Fatalmente, a palavra parece estar condenada a representar o tudo e o nada ao mesmo tempo. No entanto, sua rentabilidade produtiva – nomes de cursos, programas, livros, revistas – aponta para o seu amplo universo de sentidos, o que passa a exigir a necessidade (paradoxal) de investigar sua abrangência ou, mesmo, seus limites.

Sem entrar no mérito filosófico a respeito de existência de uma realidade independente ou previamente à linguagem, é preciso ressaltar que as diversas faces (reais) que a tríplice fronteira apresenta nem sempre coincidem com aquelas em que são metaforizadas, pois a relação entre apresentação e representação passa necessariamente pela experiência de quem, de como e de quando interagiu neste cenário. O pesquisador deve estar atento, portanto: a metaforização passa por uma relação dialética entre subjetividade e objetividade, uma vez que



perpassa pelo sujeito social envolvido na sua interpretação da realidade e consequente apropriação conceitual, ainda mais por que embasada em representações do senso comum. Pode resultar, assim, em expressões mais ou menos elaboradas conforme experiências, crenças e valores sociais, sendo expressas numa linguagem que pode revelar construções próprias, intencionais e interesseiras, deste mesmo sujeito em suas interações sociais e verbais. É nesse sentido que o discurso se configura também como prática social constituída na relação entre a linguagem, a história e as subjetividades. Voese, (2003, p.166), institui a ideia de que

a interação verbal representará a dupla possibilidade em que a reprodução do que pertence ao gênero humano viabiliza-se no exato momento em que ocorre também sua singularização, quando, na apropriação, o indivíduo interioriza sentidos genéricos e os processa singularmente, e, na objetivação, quando ele se vale de diferentes recursos expressivos para – mesmo sem poder evitar a generalização – conduzir o receptor a perceber não só o que é do nível do genérico, mas também as suas (do enunciante) singularizações.

O autor auxilia a qualificar a linha de raciocínio aqui desenvolvida: podemos dizer que a representação se constitui como caixa de ressonância intermédia entre a apresentação e a metaforização: de um lado, como *input*, o sujeito social, num processo de interiorização, capta as impressões do ambiente (apresentação) através de diferentes sentidos – vendo, ouvindo, tocando – e de outro lado, como *output*, exterioriza, através de expressões da linguagem, geralmente metafóricas, estas suas representações. Desnecessário lembrar que todo esse processo (ou processamento) passa pela “filtragem” dos valores, crenças, opiniões e interesses caros ao sujeito do discurso. Metodologicamente, portanto, as metáforas constituem-se na face externa, “visível” das representações e, assim, com base nelas é possível escrutinar as complexas representações subjetivas e objetivadas que circulam na e sobre a fronteira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a complexidade da fronteira compreende, ou se constitui nessa interatividade entre sujeitos e entre sujeitos e ambiente, como objeto de estudo não parece que possa ser reduzida a um aspecto ou outro, numa tentativa cartesiana de subdividir o todo em tantas partes quanto necessário a fim de, compreendendo e descrevendo cada uma delas, tenhamos a sua configuração. A ciência atual vem questionando esse modo de assumir a constituição do todo, pois entende que ele é mais do que a soma das partes: significa que as relações entre estas e,



inclusive, os espaços vazios que se constroem entre umas e outras também interferem na constituição da totalidade, por isso teoricamente sempre aberta, embora metodológica e artificialmente delimitada. As diferentes metaforizações aqui apresentadas poderiam, portanto, constituir-se como diferentes pontos de partida para a condução de pesquisas que, no seu conjunto permitiriam um olhar teórico mais aprofundado e abrangente dessa realidade. Mas justamente a noção de conjunto implica que se trata da expectativa de atuação em grupo, de assumir uma atitude interdisciplinar, – cada um dirigindo seu olhar para um mesmo aspecto -, e, ao mesmo tempo, com a destreza de olhar para o lado, observando em que medida o que um e outro investigam se relaciona com o que estão abordando.

Metodologicamente, portanto, um estudo dessa natureza envolveria um olhar para cima (ou para baixo) e outro para o lado. No sentido vertical, cada pesquisador conduziria (é o que já está fazendo) seu estudo num sentido de aprofundamento e de especialização no recorte escolhido até encontrar o limite em que a descrição de seu objeto assim construído exigiria o socorro de outras áreas do conhecimento. Isso significa que a própria complexidade do objeto impõe uma prática de horizontalidade, agora na busca de complementar as lacunas mediante a articulação com outras bases teórico-metodológicas. Essa horizontalização, no entanto, apresenta como desafio para o pesquisador a assunção de uma atitude menos dogmática em sua área de investigação (já estável) para submeter-se a uma experiência científica construída sobre bases interdisciplinares ainda não definitivas e, provavelmente, precisando ser constituídas. Significa assumir que uma abordagem interdisciplinar pressupõe especialistas com conhecimento sólido e aprofundado em sua área de conhecimento – verticalidade – porque, somente assim, saberão encontrar (mesmo que intuitivamente) os seus limites teóricos e metodológicos, encaminhando-se, então, para o estabelecimento de conexões laterais – horizontalidade – com outras (mas não quaisquer) áreas do conhecimento que consigam auxiliar na compreensão e descrição de seu objeto.

Nosso estudo deveria ter, se não revelado, pelo menos indicado, que a fronteira, considerando suas bases ontológicas, representacionais e mesmo metafóricas assume características humanas, sociais e linguísticas. E essa parece ser a sua essência. Desta forma, sua abordagem inscreve-se, até por princípio, nas diferentes disciplinas inscritas nas ciências humanas, sociais e da linguagem, pelo menos. Tarefa nada fácil, talvez impossível para um pesquisador individual. Ainda que seja teoricamente possível sonhar com uma perspectiva transdisciplinar do conceito de fronteira, não parece necessário ir tão longe a ponto de constituir



uma interdisciplina – uma “fronteiriologia”; já seria um grande passo pensar e atuar em conjunto com outros pesquisadores, confrontar ideias, assumir limitações e, de preferência, construir conceitos, teorias e metodologias num processo interativo, academicamente articulado, até mesmo para orientar políticas públicas que, muitas vezes tornam-se sem efeito por serem projetadas setorial e desarticuladamente.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, M. Representação social: uma genealogia do conceito. *Comum*. Rio de Janeiro. 10 (23). Jul/Dez 2004. p. 122-138.
- CARVALHO, E. M. A fronteira no direito e os direitos sem fronteiras. In: SCHÜLER, F.L e BARCELLOS, M. (Orgs.). *Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo*. Porto Alegre. Sulina. 2006. p.57-71
- LAKOFF, G. e JOHNSON, M. *Metáforas de la vida cotidiana*. Trad. Carmen G. Marin. 6ª ed. Madri. Cátedra. 2004.
- MARTINS, J. S. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo. Contexto. 2009.
- PHILIPPI JR, A. e SILVA NETO, A.J. (Eds.). *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação*. Barueri/SP. Manole. 2011.
- PRESIDENTE LULA. *Discurso durante aula inaugural da UNILA e cerimônia de assinatura do decreto de criação da Comissão de Desenvolvimento e Integração da Faixa de Fronteira*. Foz do Iguaçu. 02 de setembro de 2010. In: <http://www.imprensa.planalto.gov.br>. Acesso em 05/03/2011.
- RÊSES, E. S. Do conhecimento sociológico à teoria das representações sociais. *Sociedade e Cultura*. Goiânia, 6 (2). 2003. p.189-199.
- RICOEUR, P. *A metáfora viva*. Trad. Dion Macedo. 2a ed. São Paulo. Ed. Loyola. 2005. (original: 1975)
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo. Cultrix. 1994. [1916].
- SPINK, M. J. P. The Concept of Social Representations in Social Psychology. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 9 (3). Jul/Set 1993. p.300-308.
- VOESE, I. (Org.). *Linguagem em discurso: subjetividade*. Tubarão. Editora da Unisul. 2003. V.3. Número. Especial.